

# REVISTA ADVENTISTA

A Arqueologia confirma  
a História Bíblica

O Movimento Ecuménico  
e o Protestantismo

ANO XXIV

N.º 204

## Jesus está pensando na Sua Próxima Vinda

A. CASACA

**S**ABEMOS o que, presentemente, está fazendo, no céu, o nosso amoroso Salvador. Depois de haver resgatado a humanidade, subiu aos céus, onde, solenemente, foi entronizado, por Seu Divino Pai, que O sentou, na presença das legiões de anjos, à Sua direita. Assim se diz no Símbolo Niceno-Constantinopolitano que traduz, ainda, incorrupto, a fé apostólica: «E subiu aos céus, onde está sentado à mão direita de Deus Padre, Todo Poderoso, donde há-de vir no fim do Mundo, julgar os vivos e os mortos.»

Mas, de acordo com o desenrolar dos fastos divinos, bem sabemos, pelas preciosas revelações do Espírito de Profecia, que desde o ano de 1844 o nosso Divino Salvador entrou no lugar santíssimo do Santuário Celestial.

Sempre amoroso e cuidando do Universo, é evidente que os seus pensamentos se estendem, diligente e providencialmente, através das vicissitudes da História.

Nem mesmo podemos imaginar que o seu divino pensamento tenha podido olvidar, por um só momento, este pobre mundo, pelo qual deu perante todo o Universo, a maior dádiva que jamais se poderia imaginar.

Diante do seu olhar que abarca o infinito perpassa, como num caleidoscópio, mas devidamente ordenado, todo o desenrolar dos acontecimentos que constituem a seriação da História.

Podemos pensar no nosso Salvador, revestido das suas vestes de Sumo Pontífice — o único e verdadeiro Sumo Pontífice que oficia no augusto templo, cuja majestade enche o Universo — desempenhando as suas sacrossantas funções de único Intercessor, mediano e Juiz da Humanidade.

Mas há um pensamento que sobreleva todos os outros e que constitui, inegável e infalivelmente o fulcro de todos os outros que perpassam, num ápice, perante a sua inteligência

divina. Este pensamento, que constitui a preocupação suprema e máxima da sua providência, centraliza-se no remate da sua vida terrena, nesse fecho admirável de cúpula que se iniciou na humildade do presépio de Belém e que escreveu depois os capítulos admiráveis de Gólgota, do Calvário e da Ascensão.

O pensamento que hoje domina o nosso Salvador é o da Sua Vinda, dessa Vinda que há-de constituir o acontecimento supremo da Humanidade.

Hoje, neste mesmo momento em que o Senhor Jesus se encontra no lugar Santíssimo, desempenhando as augustas funções de Sumo Pontífice, o seu grande e acarinhado pensamento é o da Sua Vinda.

Assim o temos bem indicado na carta aos Hebreus: «Mas este (o nosso Sumo Sacerdote) havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está sentado para sempre à dextra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés». (Hebreus 10:12,13).

É evidente que os seus inimigos só serão postos como escabelo dos seus divinos pés, após a sua gloriosa Vinda, quando se manifestar no esplendor da sua glória.

Jesus está pensando, agora mesmo, em todos os graves problemas que atormentam a Humanidade. Melhor do que todos os políticos deste pobre mundo, conhece Ele todos os problemas assim como as suas exactas soluções. É a Sabedoria incriada, a Inteligência Infinita, para quem não há mistérios nem segredos de nenhuma espécie. Neste momento está contemplando a depravação que vai dastrando por todo o mundo e que Ele previu, há quase dois mil anos, quando

## SUMÁRIO

Jesus está pensando na Sua  
Próxima Vinda

Página Editorial

A Arqueologia confirma a História  
Bíblica

A Página do Colportor

O Movimento Ecuménico e o Pro-  
testantismo

Incentivo aos Desanimados

A Torre de Babel do Século XX

Um desastre providencial seguido  
de um baptismo

A nova Igreja de Viseu

A Obra Expiatória de Jesus

O Auxiliar da Escola Sabatina

SETEMBRO DE 1963

ANO XXIV N.º 204

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,  
E. MIRANDA, F. CORDAS,  
F. MENDES, M. LARANGEIRA  
E P. BRITO RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

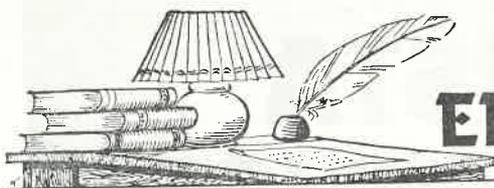
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## Página EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Ainda em plena época de férias convém não esquecer que a vida espiritual não tem férias. Por isso, nunca é demais repetir que não podemos olvidar as nossas práticas devocionais, desde a devoção matinal até o estudo diário das lições da Escola Sabatina.

Durante este trimestre temos o grande privilégio de estudar as belas mensagens que nos são transmitidas através dos chamados Profetas Menores. Que bom se pudermos chegar ao fim do trimestre ficando a saber os nomes de todos os Profetas!

Ainda estamos a tempo de tentarmos decorá-los.

Que Deus abençoe este bom propósito e o torne uma realidade.

### O Acampamento Nacional dos M. V.

Decorreu no meio da maior alegria o nosso Acampamento Nacional dos M. V. Nem sempre o tempo foi de molde a contentar todos os gostos, mas todos se sentiram ditosos por terem podido participar das actividades físicas, intelectuais e, sobretudo, espirituais.

Foram dias abençoados que decorreram vertiginosamente, e que deixaram profunda e deliciosa saudade.

No próximo número da nossa Revista teremos oportunidade de nos referirmos largamente ao Acampamento, reservando-lhe um bem merecido artigo que será acompanhado de sugestivas fotografias.

### Os nossos estudantes

Ainda mais um mês e, de novo, os nossos estudantes voltarão aos seus exercícios, aos seus labores escolares.

De ano para ano — quase estávamos para dizer: de dia para dia — se acentua, premente, a necessidade de abriremos a nossa Escola de Pero Negro.

Prosseguem as diligências, que se multiplicam, por vários lados. Mas, como todos compreendemos, também as dificuldades se levantam, quase de todos os lados.

Há que aguardar o momento escolhido por Deus, confiando, plena e exclusivamente na Sua bondade, na Sua divina Providência.

Mas, da nossa parte, temos de continuar a envidar todos os nossos esforços, conjugados, sempre, com a oração contínua para que, muito em breve possamos receber os nossos estudantes na nossa Escola.

Peço-vos, por isso, dilectos Irmãos e Irmãs que nas vossas orações seja incluído o pedido fervoroso para a abertura da nossa Escola de Pero Negro.

### A Assembleia Geral da União Portuguesa

Conforme a Convocatória já publicada na nossa Revista Adventista, efectuar-se-á, no próximo mês, na Capital, a Assembleia Geral da União Portuguesa.

É boa altura para nos irmos preparando, espiritualmente, para este importante acontecimento na vida da União Portuguesa. Os Delegados das várias igrejas que tomarem assento nas reuniões devem ser acompanhados pelas orações dos Irmãos e Irmãs que ficam nas suas respectivas localidades. Bom será que nas reuniões de oração possamos incluir algumas orações rogando ao Altíssimo a sua protecção para os trabalhos das Assembleias.

A. Casaca

**Em busca de tesouros escondidos**

Quando em 1789, Napoleão partiu na frustrada expedição para a conquista do Egipto, convidou mais de cem linguistas, cientistas, pintores e poetas para o acompanharem. Naquela terra de antiguidade, contemplaram «enormes relíquias de um passado morto», e nas paredes dos templos, câmaras soterradas, sarcófagos, estátuas, caixas, vasos de barro, tinteiros e muitos outros objectos, assim como observaram muitos hieróglifos. Mas não havia ninguém que fosse capaz de os decifrar.

Estava reservado a um humilde soldado do grande general, o fazer de uma das maiores de todas as descobertas arqueológicas. Enquanto

teza de que os hei-de ler». Pois a Pedra de Roseta foi a sua chave.

Dotado de surpreendente talento para o estudo das línguas, o jovem trabalhou afanosamente na direcção do alvo que se propusera; e cerca de vinte anos depois, Champollion anunciava aos intelectuais da Europa que o enigma havia sido decifrado. Que bela descoberta! Daí por diante, os vastos tesouros da antiga língua egípcia, o seu saber e a sua história foram abertos aos eruditos do mundo.

**A Arqueologia torna-se uma ciência**

Sir Flinders Petrie, notável génio, que consagrou muito da sua vida às escavações, chegou ao Egipto,

antigas, especialmente aos da Palestina.

Em 1835, a Inglaterra encarregou um jovem oficial para servir na Pérsia e nos países adjacentes. Dir-se-ia que Deus dirigiu a escolha; efectivamente, aquele oficial, o major Henrique Rawlinson, tinha um certo conhecimento da língua persa e, por educação, preparação, aptidão linguística e coragem física, achava-se admiravelmente habilitado para uma tarefa única e brilhante.

Durante séculos, os viajantes que passavam pela cidade de Behistun, na Pérsia Central, haviam visto figuras gravadas que se destacavam em saliente relevo, num penhasco altaneiro de uns 50 metros de altura. Além das gravações, havia

# A Arqueologia confirma a História Bíblica

um grupo de soldados estava fazendo escavações para uma trincheira, perto da cidade de Roseta, um deles desenterrou uma pedra de basalto negro, de cerca de um metro e vinte de altura, por setenta e cinco centímetros de largura, que apresentava uma inscrição feita em três idiomas: grego, egípcio demótico e hieroglífico. O oficial que os comandava enviou a pedra — a famosa Pedra de Roseta — aos eruditos. Ali estava, finalmente, a chave para a leitura dos escritos egípcios; mas quem seria capaz de se servir de tal chave?

Em 1801, Jean-François Champollion, de onze anos de idade, filho de um livreiro francês, viu, pela primeira vez, inscrições hieroglíficas, em tábuas de pedra, numa colecção em França. «Quando eu for grande — disse — hei-de decifrar estes hieróglifos. Tenho a cer-

em 1880, e com poucas interrupções continuou o seu trabalho naquele país, durante quarenta e seis anos. Diz-se que ele «cavou» o seu caminho através do Egipto; os resultados da sua obra foram publicados em noventa volumes científicos. Trabalhador excessivamente metódico, tornou-se destacada autoridade no que respeita às altaneiras pirâmides, assim como nas coisas pequenas e aparentemente insignificantes, como sejam utensílios de barro, cerâmica, utensílios domésticos e estatuetas.

Mediante o exame e a observação cuidadosos, precisos, desenvolveu um método de determinar o tempo aproximado, ou a era, em que haviam sido usados esses diversos objectos. Foi esta a sua grande contribuição para a ciência da Arqueologia. Esse conhecimento tem sido de valor aos escavadores de ruínas

uma inscrição que atrafu a curiosidade de Rawlinson. Depois de uma aventureira ascensão, encontrou oito colunas de inscrições cinzeladas na rocha, cada uma delas de 3,60 metros de altura, e de 60 ou 90 centímetros de largura.

Por um período de vários anos, e com moitão, ganchos e longas escadas, Rawlinson trabalhou, muitas vezes, com risco da própria vida, a fim de obter uma cópia completa das inscrições. Vieram, depois, longos períodos de árduos estudos. Finalmente, o triunfo veio coroar-lhe os esforços; efectivamente, para surpresa do mundo, a rocha de Behistun fornecera a chave para a revelação de três grandes línguas da antiguidade: — o antigo persa, o caldaico ou babilónico e o elamita.

A própria inscrição era uma proclamação imperial de Dario I da

Pérsia, que empregou esse método para anunciar as suas vitórias e realizações a todo o mundo — um meio demasiado espectacular e duradouro de publicidade. Com essa chave linguística, porém, os eruditos que se preocupam com o Oriente, lêem, agora, as inscrições cuneiformes, que foram impressas em argila plástica nos tempos de Abraão, David e Daniel. Centenas e milhares delas têm sido retiradas das escavações.

### A descoberta de Nínive

Em 1840, o Dr. Paulo Emílio Botta, foi nomeado cônsul em Mosul, no Alto Tigre. Por distração, andava ele, muitas vezes a cavalo pelos campos circunvizinhos, onde observava estranhos montículos de terra cobertos com a escura areia do deserto. A sua curiosidade cresceu, e, afinal, sem qualquer plano que o guiasse, começou a cavar no montículo mais próximo.

Depois de haver trabalhado por um ano, sem muitos resultados, um persistente e expansivo árabe persuadiu-o a cavar num montículo a quinze ou dezasseis quilómetros dali. Logo no início houve excitação. Paredes ricamente lavradas foram descobertas, e havia muitas espécies de pinturas, relevos, animais de pedra, de aspecto feroz, incluindo alguns com asas, e homens barbados. Descobriu-se, também, parte de um magnífico palácio; e em breve, o Dr. Botta estava convencido de que tinha descoberto as ruínas da antiga Nínive. Era, porém, Khorsabad, subúrbio daquela famosa cidade, a uns dezasseis quilómetros para o norte, onde Sargão II (733-705 A. C.) erigira um dos mais magestosos palácios da antiguidade.

Ali estavam os remanescentes de uma cultura talvez mais antiga que a egípcia, e que florescera, durante uns dois mil anos, ao passo que pelos dois milénios seguintes, dormia sob as areias movediças. Ali estavam os destroços de uma cidade que uma vez se erguera ao poderio e esplendor, caindo em seguida no esquecimento. O próprio sítio dessa antiga metrópole havia sido olvidado, por mais de sessenta gerações.

Poucos anos depois, foram feitas escavações nas mesmas vizinhanças por um jovem inglês, inteligente, de descendência huguenote, chamado Austen Henry Layard. Estava intrigado com o montículo de Ninrode («Calá» de Génesis 10:11), supondo que devia ficar próximo do «berço da raça humana». Foi ali recompensado com opulentos e abundantes tesouros. Posteriormente, voltando a sua atenção para o sítio da antiga Nínive, escavou e explorou o magnífico palácio de Senaquerib, e descobriu a famosa biblioteca de Assurbanípal, com os seus trinta mil «volumes» de tabuinhas de argila.

Diz-nos este último monarca que empregou grupos de eruditos e «artistas na escrita... a fim de ter que ler...» Ali se reunia o conhecimento daquela época — livros de história, astronomia, matemática, filosofia, magia, poesia e canto.

### A história do grande dilúvio

Quando aquelas tabuinhas foram levadas para a Inglaterra ficaram por decifrar, durante anos. George Smith, ex-gravador de notas do Banco, foi encarregado da tarefa de classificar e catalogar essas tabuinhas de argila. Chegou a uma porção do Poema Épico de Gilgamesh, considerado a maior obra-prima da literatura cuneiforme. Quando publicou a sua descoberta, criou-se entre o público um imenso desejo de encontrar a parte restante da história. Smith ofereceu-se para chefiar a expedição na busca das tabuinhas que faltavam.

Perante os vastos montículos de destroços, a busca era como a proverbial caçada da agulha em palheiro. Mas, por surpreendente que pareça, Smith encontrou realmente as partes que faltavam da Epopeia. Isto torna-se de interesse para o estudioso da Bíblia, pois algumas porções desta história são muito semelhantes à narração do Dilúvio dos tempos de Noé. Apresenta ela também provas de que os antigos povos do Vale do Eufrates possuíam conhecimento de um dilúvio universal. Eis algumas linhas desse notável Poema:

O que eu havia acumulado ali,  
[toda a colheita da vida  
Eu fiz embarcar; toda a minha  
[família e minhas relações  
Os animais do campo, o gado  
[do campo,  
Os artesãos, fiz embarcar a todos.  
Entrei na embarcação e cerrei  
[a porta.

Segue-se uma vívida descrição da tempestade. Ao começar a amainar a tempestade o Poema continua assim:

Quando chegou o sétimo dia,  
Enviei uma pomba e a soltei;  
A pomba foi e voltou outra vez,  
Como não havia lugar, ela voltou.  
Enviei um corvo, e o soltei;  
O corvo foi, e viu o abaixamento das águas;  
Ele come, chapinha ao redor,  
[crocita,  
Ele não volta.

C. W. Ceram, *Deuses, Túmulos e Sábios*, pag. 276 e 277.

Quanto à antiga Babilónia, o profeta fez esta sombria predição: «Por isso habitarão nela as feras do deserto, com os animais bravos das ilhas; também habitarão nela os avestruzes, e nunca mais será povoada, nem será habitada de geração em geração.» (Jeremias 50:39).

Fiel a esta predição «a cidade de ouro» tornou-se um montão de destroços por muitos séculos. Então, em 1899, Robert Koldewey, genial explorador alemão, começou a sua prodigiosa tarefa de descobrir os muros maciços, os magestosos palácios, os poderosos templos e torres, as imponentes avenidas. Durante catorze anos prosseguiu nessa obra. A cidade do exílio de Daniel tornou a ver a luz, após muitos séculos de sepultamento. Regozijaram-se os estudiosos da Bíblia; e o viajante do século vinte ao Iraque pode hoje espriar o olhar sobre as vastas ruínas e brilhantes fragmentos da gloriosa metrópole de outrora.

### A cidade natal de Abraão

C. Leonard Woolley, entusiasta arqueólogo, teve o privilégio de escavar a cidade de Ur dos Cal-

(Continua na pág. 111)

# A PÁGINA DO COLPORTOR

Orlando Costa

Mesmo durante estes tórridos dias do Verão, os nossos diligentes Colportores prosseguem, denodadamente, no seu trabalho — porventura dos mais humildes, mas certamente dos mais abençoados — percorrendo povoações, calcurriando caminhos, batendo a todas as portas, falando sempre da grande Obra das Publicações e, mediante ela, da Mensagem da Salvação.

Pena é que a nossa REVISTA ADVENTISTA não tenha mais espaço disponível para publicar os magníficos testemunhos que continuamente estou recebendo dos nossos prezados Irmãos Colportores. Graças a Deus porque dispomos de um zeloso grupo de Colportores que, durante todo o ano, está sempre pronto, sem discriminações de tempo nem de lugar, para levar, a toda a parte, as boas novas da salvação. Se todos temos de ser homens e mulheres de oração, de uma maneira especial isto se pode dizer a respeito dos Colportores. O

relato divino diz-nos, positivamente, que Deus deu a Salomão a sabedoria, porque lha pediu. Bem sabemos que Deus não faz acepção de pessoas. Os seus recursos são hoje igualmente grandes. Igualmente é certa a Sua boa vontade. E ainda hoje, como sempre, o seu convite é da mesma maneira individual. «Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.» (Tiago 1:5). Peçamos todos, prezados Irmãos e Irmãs, a sabedoria pois com ela teremos todos os outros bens.

E não nos esqueçamos, também, de pedir pelos nossos Irmãos Colportores que no meio de tantas e tantas dificuldades, e de toda a espécie, vão por essas terras fora, levando a Mensagem da Salvação.

Aqui vos apresento, neste número da Revista uma expressiva carta do nosso irmão-colportor, Inácio Duarte da Conceição.

desconhecidas, e ninguém está descontente.

No país de que vos estou falando também não há pecado, pois ninguém pratica o mal. Não ocorrem desastres, nem tristezas de qualquer espécie, podendo-se andar milhares e milhares de quilómetros que não se vislumbra um cemitério ou funeral. Tão pouco se vêem crepes nas portas ou paredes: a morte ali é desconhecida.

Os fatos que ali se usam são brilhantes e alegres e ninguém veste luto. É um país onde nada se envelhece ou estraga. As flores nunca perdem o seu perfume nem as flores a sua verdura e frescor. Não se verificam tempestades, terramotos, nem maremotos, nem ainda qualquer erupção. Não chove nem faz frio, nem febres nem moléstias de qualquer espécie. O sol nunca dará o seu calor, mas há sempre luz, pois não haverá noite. A temperatura

(Continua na pág. 24)

# O COLPORTOR UM MENSAGEIRO

Chegou o tempo de se fazer uma grande obra por meio dos colportores. O mundo dorme e como atalaia eles devem fazer soar a campainha de advertência, a fim de despertar os dormentes ao reconhecimento do seu perigo. As igrejas não conhecem o tempo da sua visitação. Muitas vezes podem melhor conhecer a verdade por meio dos esforços do colportor. Os que saem em nome do Senhor, são seus mensageiros para dar às multidões que estão em trevas e em erro as alegres novas da salvação, por meio de Cristo, obedecendo à lei de Deus.

Diz-nos a serva do Senhor, irmã Ellen White, que mesmo onde o povo ouve a mensagem do pregador vivo, o colportor deve continuar a sua obra em cooperação com o ministro; porque ainda que o ministro apresente fielmente a mensagem, o povo não é capaz de a reter toda.

Por isto, a página impressa é essencial, não somente em despertá-los ao reconhecimento da importância da verdade para este tempo, mas em enraizá-los e firmá-los na verdade e em estabelecê-los contra erros enganosos. As revistas e os livros são o meio do Senhor conservar a mensagem para este tempo, continuamente perante o povo.

As publicações farão muito maior obra iluminando e confirmando almas na verdade, do que a que pode ser cumprida unicamente pelo ministério da palavra.

Os silenciosos mensageiros que são colocados nos lares do povo pelo trabalho do colportor, fortalecerão o ministério evangélico em todo o sentido; porque o Espírito Santo influirá a mente ao lerem os livros do mesmo modo que faz à mente dos que ouvem a pregação da palavra. O mesmo ministério de anjos que auxilia a obra do ministro, acompanha os livros que contêm a verdade.

Como Deus abençoa o ministro e o evangelista em seus fervorosos esforços para colocar a verdade diante do povo, assim abençoará o colportor fiel.

Inácio Duarte da Conceição

## UM NOVO PAÍS CHAMADO PARAÍSO

Colportor *Isaias da Silva*

“Isa. 65:17-25

Apoc. 21:1-4...”

Somente estes dois versetos da Sagrada Escritura nos bastam para nos afirmar a jerarquia Bíblica do título acima:

Prezados colegas a quem em particular me dirijo, e todos os irmãos, e leitores deste humilde estudo bíblico: Desejo falar-vos acerca de um país estranho e ao mesmo tempo maravilhoso; um país onde não correm lágrimas nem lamentos; um país onde não existem doenças, sofrimentos ou morte. O povo que ali vive nunca se aborrece, não tem obrigação a cumprir, nem a velhice o apoquento. Não se ouve ninguém dizer adeus, pois as separações são

DESDE o tempo da Reforma do século XVI foram surgindo diferentes denominações protestantes, cujo número de tal maneira cresceu que para alguns se tornou pedra de escândalo e para outros estímulo para o estabelecimento de uma organização mundial das igrejas.

Tendo-se, a partir do século XIX, registado uma magnífico movimento missionário por parte da maioria das igrejas evangélicas, criando problemas e aspirações

A data fixada para a primeira sessão desse Conselho foi 1941. Mas, tendo eclodido a segunda Guerra Mundial, só em 1948 foi possível levar avante esse plano, com a reunião de Amsterdão, onde o Conselho Mundial das Igrejas, com a representação de 147 denominações cristãs não católicas, encontrou a sua expressão formal.

Em 1954 realizou-se em Evas-ton, nos Estados Unidos, a segunda reunião do dito Conselho, com a representação de 159 igrejas.

o próprio bater de Cristo à porta» e «devemos continuar a bater em nome de Jesus às próprias portas que estão fechadas contra Ele». Foi ainda salientado que esse testemunho deve ser dado não só pelos obreiros, mas igualmente pelos membros leigos das igrejas, e não só nos templos mas em todos os sectores de actividade.

No relatório sobre o *serviço da Igreja* foi salientado que «como Cristo tomou a forma de servo e Se deu a Si mesmo pela redenção

## O MOVIMENTO ECUMÉNICO

comuns, não foi difícil encontrar no aspecto missionário do protestantismo uma base de entendimento mútuo e de cooperação. Foi assim que se reuniu em 1910, em Edimburgo, a primeira Conferência sobre a missão mundial da Igreja. Como resultado desta Conferência, foi criado em 1921 o Conselho Internacional das Missões, de que se tornaram membros algumas das principais denominações protestantes.

O chamado «Evangelho social» constituía outro denominador comum, que podia abarcar os mais diferentes pontos de vista doutrinários, e encontrou a sua expressão colectiva na criação do Movimento de Vida e Trabalho, cuja primeira Conferência se realizou em Estocolmo, em 1925, e a segunda em Oxford, em 1937.

Se não era difícil encontrar uma área de largo entendimento nos pontos de vista missionário e social, já se não passava o mesmo no campo teológico e na organização eclesiástica, onde as divergências eram mais vincadas. No entanto, era esse o desiderato de numerosos dirigentes religiosos, de vistas mais ou menos amplas, resultando na convocação de uma Conferência Mundial sobre Fé e Ordem, a qual se reuniu em Lausana, em 1927, seguindo-se outra em 1937.

Foi nesta última Conferência que surgiu a ideia de se coordenarem os esforços anteriormente feitos sob os pontos de vista missionário, social e teológico, num só movimento ecuménico, que se chamaria Conselho Mundial das Igrejas, e cuja sede permanente seria em Bossey, perto de Genebra.

De 18 de Novembro a 5 de Dezembro de 1961, realizava-se em Nova Delhi, na Índia, a terceira assembleia geral do Conselho Mundial das Igrejas. Ali estiveram presentes delegados de 198 igrejas, de 50 países, representando cerca de 375 milhões de cristãos.

Ao passo que o tema central de Evaston fora «Cristo, a Esperança do Mundo», levando os pensamentos para o futuro, o de Nova Delhi foi «Jesus Cristo, a Luz do Mundo», chamando a atenção para o presente — para a influência actual do Cristianismo num mundo em trevas espirituais.

As reuniões decorreram desenvolvendo três sub-temas principais: «Chamados para o Testemunho», «Chamados para o Serviço» e «Chamados para a Unidade».

Como resultado dos trabalhos das diferentes comissões que se ocuparam destes assuntos, foram redigidos três documentos que resumem o pensamento da Assembleia.

No que se refere ao *testemunho da Igreja* salientamos o realce que foi atribuído à obra missionária: «A tarefa missionária não está terminada. Está antes entrando numa nova e mais provocante fase. Todas as nossas preocupações mútuas não devem levar-nos a esquecer o facto de que dois terços da raça humana estão sem o conhecimento de Cristo como a luz do mundo e nada a não ser Cristo lhes podemos oferecer como satisfação dessa dívida.» «Cremos», continua o documento, «que no nosso momento presente da história Cristo ainda está à porta e bate. A nossa comunicação do Evangelho é, cremos,

e reconciliação de todo o mundo, também os cristãos são chamados a tomar parte no Seu ministério sofredor e vitorioso como servos do Senhor-Servo». Este serviço inclui o ministério em favor dos doentes e necessitados e vítimas de abusos sociais. Afirma o documento que embora «a Igreja não possa identificar-se com nenhum sistema económico, social ou político», deve encorajar o cristão individual a ser activo no serviço a favor do próximo por meio da vida pública do seu país.

Debaixo deste mesmo pensamento de «serviço», foi tornado público outro documento acerca da liberdade religiosa. Segundo ele, «todos têm o direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião», o que implica «a liberdade para mudar de religião ou crença, e a liberdade, quer individualmente quer em comunidade com outros, e em público ou em particular, de manifestar a sua religião ou crença no ensino, na prática, no culto e na observância».

Foi denunciado «o anti-semitismo, não importa a sua origem, como absolutamente irreconciliável com a profissão e prática da fé cristã».

Mas o assunto da *unidade da Igreja* foi aquele em que, naturalmente, deviam culminar as actividades desta Assembleia. Foi afirmado a seu propósito: «O Evangelho não pode ser proclamado com autoridade ao mundo por uma igreja desunida». É fácil de compreender que este seja o aspecto mais melindroso do movimento ecuménico, dadas as profundas divergências

doutrinárias e de organização eclesiástica existentes entre as diferentes confissões cristãs. Apesar de se propor «uma nova consideração de nossas várias bases doutrinárias à luz do primado das Escrituras e da sua salvaguarda na Igreja pelo Espírito Santo», é evidente que tal unidade jamais se poderá atingir sem abdicção por parte de alguns.

Não tendo podido o assunto ser ultimado nesta sessão, foi redigida uma resolução urgindo que o «Secretariado Geral, a Comissão de Fé e Ordem, e os Conselhos Nacionais nos vários países não-membros em vista de uma familiarização e entendimento mútuos, do desvanecimento de qualquer má compreensão que possa haver acerca do movimento ecuménico, e também em vista de uma séria discussão de problemas teológicos relativos à missão e unidade cristã, e à participação em actividades que possam parecer mutuamente desejáveis».

No fim desta Assembleia foi nomeada a nova Direcção do Con-

Lesslie Newbingi, secretário geral daquela organização: «O Cristianismo já não está limitado a uma região do globo. O próprio facto de introduzirmos agora os assuntos das missões directamente no coração do trabalho quotidiano de um Conselho de Igrejas tornará mais sensível a inconveniência de certas maneiras de conceber o trabalho missionário e de falar dele, que subsistem ilegitimamente no século vinte». O mesmo Bispo vai mais longe. Pensa que vai chegar a hora de os próprios países que até aqui têm sido considerados como de missionários aos países que têm sido considerados como cristãos: «Os membros das igrejas da Ásia e da África, depois de estudarem a situação espiritual de algumas igrejas mais antigas, os seus conflitos, as suas vitórias e as suas derrotas, sentir-se-ão incitados a enviar missionários à Europa e à América, com o fim de fazer aceitar o Evangelho às massas pagãs desses continentes, às quais já não impressiona o tes-

sua vocação comum para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo».

Perguntar-se-á: Quais as tendências gerais do Conselho Mundial das Igrejas?

Sabemos que a esperança final da Igreja se concentra na segunda vinda pessoal de Jesus Cristo. E esse facto infelizmente não foi salientado durante esta sessão. Parece que uma das tendências reveladas em Nova Delhi é a preocupação do estabelecimento do reino de Cristo na actual ordem mundial. Mas como, estranhando a omissão da segunda vinda de Cristo, mencionou um dos delegados, «mais importante do que todos os esforços para mitigar a sorte do homem neste mundo é a certeza de que Cristo no seu tempo determinado superará os reinos deste mundo que recusam aceitar o Seu domínio e estabelecerá o Seu próprio reino eterno de justiça e paz».

A segunda tendência é a aproximação cada vez mais evidente do

## E O PROTESTANTISMO

Por

Ernesto Ferreira

selho Mundial das Igrejas. Para evitar a existência de uma espécie de papa protestante, o Conselho não funciona sob a presidência de uma só pessoa, mas tem à sua frente um *praesidium*, constituído por um grupo de seis presidentes simultâneos, de igual categoria, que se revezam na condução dos trabalhos. Os membros eleitos foram os seguintes: Sir Francis Ibiem, Governador Geral das Províncias Orientais da Nigéria (leigo presbiteriano); Dr. Martin Niemoeller, da Igreja Luterana alemã; Arcebispo Iakovos, primás da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte e do Sul; Artur Michael Ramsey, arcebispo anglicano de Cantuária; Dr. David G. Moses, da Igreja Unida do Norte da Índia; Charles C. Parlin, leigo metodista de New Jersey, Estados Unidos.

Três notáveis decisões tornaram histórica a Assembleia de Nova Delhi.

A primeira foi a fusão de duas grandes correntes ecuménicas paralelas: o Conselho Internacional das Missões e o Conselho Mundial das Igrejas. Como declarou o Bispo

temunho das igrejas que vivem no seu seio».

A segunda decisão importante foi a admissão de vinte e três novas Igrejas, dezoito das quais saídas de países de missão — da África, da Ásia, e da América Latina. Entre os novos membros, destacam-se as Igrejas Ortodoxas da Rússia, da Polónia, da Roménia e da Bulgária, com um total de cerca de setenta milhões de membros.

A terceira decisão, tomada por um voto de 383 contra 43, incluindo algumas abstenções (dos 577 delegados com direito a voto, apenas 426 se pronunciaram nesta altura), refere-se ao alargamento oficial da «Base» do Conselho Mundial das Igrejas, que à redacção anterior acrescenta a aceitação das Escrituras como regra de fé e, por influência da Igreja Ortodoxa, salienta o carácter trinitário da fé cristã. A redacção actual é a seguinte: «O Conselho Mundial das Igrejas é uma associação fraternal de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras, e por isso procuram realizar em conjunto a

conceito católico de igreja. Diga-se, de passagem, que pela primeira vez estiveram presentes observadores católicos romanos, designados oficialmente pelo Vaticano. Em 1948, por altura da assembleia de Amsterdão, dir-se-ia que se caminhava para uma solução de tipo não-episcopal nitidamente protestante. Mas com a preponderância das Igrejas episcopais (Anglicana e Ortodoxa) é de prever que, se alguma vez se há-de atingir uma unidade de organização eclesiástica, esta será de tipo católico.

A observação destas tendências provoca uma pergunta que preocupa muitos cristãos: A fim de obter a unidade visível da Igreja não estará o protestantismo abandonando alguns dos princípios fundamentais da Reforma?

Referir as palavras de Deus em diferente sentido do que foram ditas, é levantar falso testemunho a Deus...

Ah! Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantaram! Quantas vezes oigo dizer que dizeis o que nunca dissestes!

P. António Vieira,  
*Sermão da Sexagésima*, de 1655

Maria Augusta Pires

«Um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: Esforça-te» Isai, 41:6).

**N**ÃO poderemos dar coisa alguma que mais valha do que uma palavra de animação ou um gesto de sentido amor.

Um capelão do exército cruzava um campo durante a guerra quando viu um soldado que jazia ferido. Levava a Bíblia na mão, e baixando-se perguntou ao homem se queria que lesse alguma coisa para ele. O ferido respondeu:

— Tenho tanta sede que preferiria um copo de água.

O capelão correu o mais depressa que pôde e levou-lhe a água. Depois de bebê-la o ferido disse ao capelão:

— Quer fazer o favor de levantar-me a cabeça e pôr-lhe alguma coisa por debaixo?

O capelão tirou o sobretudo, enrolou-o e levantando a cabeça do ferido com suavidade pô-lo debaixo como almofada.

— Ah! — exclamou o rapaz se tivesse alguma coisa a cobrir-me! Tenho tanto frio!

O capelão imediatamente tirou o casaco e com ele cobriu o ferido que lhe disse:

— Pelo amor de Deus, se há nesse Livro alguma coisa que leve um homem a fazer o que senhor faz por mim, leia-mo.

Este pequeno relato tem um significado profundo.

Há por toda a parte, neste pobre e inditoso Mundo, almas urgentemente necessitadas do auxílio que lhes podemos dar. Abundam entre nós aqueles a quem a vida, com a rudeza dos seus golpes e desilusões, tem mergulhado no desalento e desesperança. Giram à nossa volta multidões que gemem esmagadas pelas aflições e dores que a vida lhes oferece. Talvez que, prezado Irmão, no prédio mesmo ao lado daquele que habitamos esteja uma pobre Mãe que definha e desalenta na recordação amarga daquele filho

único e tão querido que a morte lhe roubou; talvez ainda que na mesma rua, um pouco mais adiante, viva uma infeliz viúva que além da perda irreparável do seu companheiro de anos, assista, sem esperança e em louco desespero, ao desmoronar frondoso da sua casa, dos seus bens; talvez que ali existam igualmente outros que embora vivendo na abundância sentem o seu coração vazio de afectos, de fé, vazio de Deus. Eles esperam alguém. Alguém que leve a reflectir-se-lhe no rosto o amor e a bondade de Jesus; alguém que leve nas suas palavras, nos seus lábios o estímulo da divina Esperança.

Esse alguém sou eu e sois vós, meus Irmãos. É para mim e para vós o «Ide» de Jesus. Pertence-nos ir incentivar com a nossa Esperança aquele a quem os dissabores da vida fez tombar no mais frio e penoso desalento.

Vamos e tomemos pela mão o pobre e abatido pecador, peçamos-lhe que se levante e torne a enfrentar o Mundo louvando a Deus pelo Seu perdão. Levemos ao abatido ser e em nome de Jesus, o Nazareno, o Amor, a Fé e a Esperança. Concedamos o Pão da Vida ao faminto; a Água da Vida ao sedento e o conhecimento da salvação aos que se acham perdidos no pecado. Concedamos bom companheirismo cristão ao solitário e coragem a um companheiro de viagem em seu caminho. Demos, demos abundantemente o que do Céu recebemos e assim poderemos ver levantar-se alentado e forte aquele que antes sucumbia e mergulhava no abismo do seu desalento.

Certa obreira bíblica foi solicitada para visitar uma senhora que, antecipadamente, lhe foi apresentada como sendo rica em boas obras mas de difícil acesso à nossa Mensagem.

Em dia determinado a obreira foi procurar a referida senhora e, ao cabo de alguns momentos de amigá-

vel conversação, estava convencida de que a sua visita em nada tinha contribuído para o bem espiritual da sua visitada. Mas, eis que em dado instante aquela senhora começa a falar do seu filho, do seu único filho, e o seu coração se abre mostrando toda a dor, todo o desalento, toda a angústia que o possuía porque esse filho tão bom, tão amigo, tão honesto e trabalhador era infeliz, muito infeliz. Havia profunda tristeza naquele simpático rosto de Mãe quando dizia: «Para mim a vida já não tem interesse, a minha alegria há muito desapareceu, a minha saúde perdi-a. Vivo em constante sobressalto esperando cada dia que outra infelicidade venha atormentar meu filho. Não tenho descanso e se ainda durmo, à custa de comprimidos durmo. «Perdi tudo, só não perdi a minha fé em Deus».

A obreira referiu-lhe algumas palavras e por fim pediu licença para orar em favor daquele filho.

Orou. E na sua prece pôs toda a sua alma de crente e de mãe que também é.

— «Ó, minha senhora, que conforto me trouxe a sua oração!» foi a exclamação sincera daquela atormentada mãe que hoje declara satisfeita: «Como Deus tem ouvido as orações a favor do meu filho e a meu favor! Ele encontrou, finalmente, o bem estar moral e material de que há muito tempo estava carecido e eu a paz, a confiança e a esperança que há tantos anos desconhecia! Os meus dias são mais leves e as noites tranquilas sem comprimidos. O desânimo foi-se e a Esperança tomou o seu lugar!»

Esta senhora prepara-se, presentemente, para o baptismo.

Queridas Irmãs e Irmãos sejamos um incentivo para os desanimados!

A terminar desejo fazê-lo com palavras da Irmã White que encontro em *Testemunhos Selectos*, Vol.

(Continua na pág. 11)

As gerações descendentes dos filhos de Noé, tendo ainda vida, quer pela tradição, quer por qualquer forma de registo, a ideia do cataclismo do Dilúvio, relata a S. Escritura em Génesis 11.49, que pretenderam fazer uma grande torre que chegasse aos céus e por isso se tornassem famosos e não se espalhassem sobre a face da terra.

Quais eram os seus objectivos, descrevem-no-los tanto a S. Escritura no texto já mencionado, como a Senhora White, no livro *Patriarcas e Profetas*, pág. 127, de que extraímos os seguintes pontos:

1 — Impedir que se espalhassem, contrário à ordem divina «Enchei a Terra».

2 — Garantir a segurança, caso viesse outro dilúvio, embora o Senhor tivesse dado o arco-íris como garantia de não vir outro dilúvio.

3 — Certificarem-se, subindo à região das nuvens, da causa do dilúvio.

4 — A construção teria como fim perpetuar a glória dos fundadores e construtores de tal monumento e ser a capital duma monarquia universal.

5 — Todo o empreendimento destinava-se a exaltar o orgulho e desviar de Deus as mentes das futuras gerações.

O nosso século tem estado a planejar lançar os alicerces doutra Babel, que se baseia na ciência ou suposta ciência, com projectos parabólicos de viagens à Lua, Marte, Vénus, Saturno, etc., em potentes e gigantescas aeronaves espaciais, a velocidades miraculosas.

Segundo o cumprimento de Daniel 12:4, é indiscutível que a ciência se tem multiplicado e não terão mais fim os progressos da mesma nos seus variados ramos. Mas não será isso uma nova torre de Babel?

Não pretendemos comentar as dificuldades técnicas ou científicas de tais projectos, embora os mesmos cientistas nos tenham já dito, que a Lua, por exemplo, lhe falta a composição do ar com sua dosagem especial de oxigénio, indispensável à vida do ser humano e os lunáticos terem de viver como numa câmara de oxigénio, que lhe falta a lei da gravidade e como tal teriam, para poisar à sua superfície, de colocar nos pés pesos enormíssimos para vencer a inércia do ar.

# A TORRE DE BABEL DO SÉCULO XX

—  
Pastor F. Cordas  
—

O que tudo resumido tornaria impossível a sua permanência.

Verificamos pela Sagrada Escritura que o nosso mundo terráqueo era sem forma e vazio (Gen. 1:2), que foi submetido a uma série de transformações até estar preparado para receber o exigente hóspede, que seria o género humano.

Foi criada a Luz, a atmosfera, as condições atmosféricas de maneira que a luz e a influência do Sol, da Lua e das Estrelas controlasse as necessidades da Terra, a parte seca e marítima, a vegetação, todos os seres vivos do mar, ar e terra e finalmente foi criado Adão e Eva.

Será que esses mundos a explorar e a povoar tenham as condições que o ser humano necessita para seu «habitat»? Esse ser que tem tanta dificuldade de se adaptar a climas e ambientes diferentes?

Há dias um cientista recomendava que os primeiros «turistas» à Lua deviam ser submetidos a rigorosa profilaxia e desinfecção, não

se desse o caso de levarem para o outro planeta satélite, os diversos micróbios que pululam neste pobre planeta. A precaução não estará descabida mas há certamente um micróbio que não haverá maneira de ser inutilizado o seu vírus, por qualquer esterilização possível — o micróbio da maldade, o pecado.

Os seres humanos, logo que pecaram, foram expulsos da comunhão de Deus, do Eden paradisíaco e foi necessário o Senhor servir-se agora das visões, dos sonhos, dos Profetas, para se comunicar com a humanidade. Tudo que ganharam foi a morte e maldição que foi proferida à Serpente, Eva e Adão.

O causador do pecado — Satanás, por sua vez, descreve-nos S. João em Apocalipse 12:9, *foi precipitado na terra*, e os seus anjos com Ele.

Para a Terra e não para outro mundo, diz S. João, segundo a revelação que lhe foi dada, e a Terra dominada e controlada por ideais satânicos, tornou-se a «Ovelha Perdida» da parábola S. Lucas 15:4-10. O Salvador deixou as «nove e nove» e veio do Céu à Terra restaurar e salvar o que se tinha perdido, com risco enorme, como descreve o pastor à procura da ovelha perdida, o Pastor que dá a vida pelas ovelhas (S. João 10:11).

Foi no nosso mundo, onde se desencadeou a luta entre o bem e o mal, que o mal foi vencido na gloriosa manhã da Ressurreição, que a cabeça da serpente foi definitivamente vencida e pisada, que esta pobre ovelha perdida (constituída por todos que aceitem o Senhor como seu Salvador pessoal e Lhe obedeçam de todo o coração), foi restaurada (agora ainda em promessa) à comunhão das noventa e nove que não se desgarraram.

O pecado neste mundo será aniquilado, não ficará qualquer micróbio do mal, nem raiz nem ramo, purificado pelo fogo e restaurado definitivamente à sua edénica beleza e perfeição. II Pd. 3:11-14.

S. João em Apocalipse 21:1-5,27, descreve-nos a beleza e pureza do novo mundo, onde não haverá mais morte, sofrimento, etc., descrevendo-o como novo e onde não entrará nada mais que contamine.

(Continua na pág. 14)

# Um desastre providencial seguido de um baptismo

O autor deste artigo é Kevork Terzibashian, conhecido pelo nome de George, entre os estudantes do nosso Colégio do Médio Oriente, onde se está preparando para o Ministério. George escreveu este artigo com o objectivo de agradecer a todos os nossos Irmãos Adventistas pela generosidade com que contribuíram com as suas ofertas num Décimo Terceiro Sábado de 1961. É que parte do excedente

tirada da vida real e mostra como Satanás está procurando, por todos os meios, dificultar e impedir o trabalho de Deus, nestes últimos dias.

A história que ides ler passou-se no seio da minha família. Minha mãe atraíu contra si a raiva de Satanás assim que ela começou a receber estudos bíblicos. Passou, depois, a assistir regularmente à Escola Sabatina e depois de haver

baptizada; a cerimónia realizava-se noutra cidade, a várias léguas de distância. Enviou, então, o meu irmão àquela cidade para perguntar ao Pastor a que horas é que ela devia lá estar.

Quando o meu irmão se dirigia para a casa do Pastor, foi brutalmente atropelado por um camião, precisamente quando a camionete de carreira atravessava a rua da casa do Pastor. O meu pobre irmão



O primeiro jovem da esquerda é o autor deste artigo, Irmão George

daquelas ofertas destinou-se, precisamente, para a construção de uma igreja para os nossos Irmãos da velha Jerusalém, onde George e a família residem.

É por isso que George agradece, mas também deseja, com este seu artigo, incitar-nos a todos nós, a contribuir com toda a generosidade no próximo Décimo Terceiro Sábado, dia 28 de Setembro, pois o excesso das ofertas destina-se à construção de uma outra igreja na cidade de Damasco, na Síria.

«A minha história — escreve o nosso jovem estudante George — é

terminado o curso da classe baptismal, pediu que fosse admitida ao Baptismo. Satanás, furioso, por ver que ia perder aquela alma começou a levantar-lhe obstáculos.

Primeiramente, a minha mãe deparou com a oposição encarniçada de meu pai, que também se opôs a que eu estudasse a Palavra de Deus. Mas tanto a minha mãe como eu perseverámos na oração e pela graça de Deus a oposição de meu pai foi diminuindo gradualmente. Satanás, porém, é que não desarmava! Marcou-se o dia em que a minha mãe deveria ser

foi imeditamente transportado inconsciente para o hospital.

Depois de ter sido cuidadosamente observado pelo médico de serviço, este disse que estava muito admirado por verificar que o meu irmão não tinha as pernas partidas, como toda a gente supunha. Aquele médico acrescentou que era um verdadeiro milagre o não ter nenhum osso fracturado. Assim que o meu pai teve conhecimento do desastre, começou imediatamente a repreender e a censurar a minha mãe, atribuindo-lhe a responsabilidade do desastre, ao mesmo tempo

que falava contra a religião e contra o Pastor.

As coisas não ficaram por aqui. Meu pai proibiu terminantemente que a minha mãe saísse de casa para receber o Baptismo.

O meu irmão veio para casa, depois de haver recebido o tratamento necessário no hospital e assim que entrou, o meu pai dirigiu-se nestes termos à minha mãe: «Como vês o teu filho ia morrendo por tua culpa! Tens agora a obrigação de ficar junto dele e de tratar dele. Garanto-te que se fores baptizar-te, quando regressares a casa, hás-de encontrá-lo morto! Aconteceu-nos esta desgraça, porque Deus não quer que te faças Adventista.»

No entretanto, o nosso Pastor, tendo regressado do rio Jordão, onde fora baptizar um jovem, veio à nossa casa para ver o meu irmão.

Não há dúvidas de que tanto a minha mãe, como o meu irmão e eu próprio nos sentimos bastante

encorajados com a visita do Pastor e da oração que fizemos, Quando o Pastor saíu, meu pai começou a injuriar a minha mãe e acabou por ameaçá-la nestes termos: «Fica sabendo que me divorcio de ti, se te baptizares adventista.» A minha pobre mãe, como única resposta, pegou na Bíblia e principiou a procurar na Palavra de Deus uma mensagem de coragem.

La lendo e deteve-se no seguinte versículo. «Esforçai-vos e animai-vos; não temais, nem vos espanteis diante deles: porque o Senhor teu Deus é o que vai contigo: não te deixará, nem te desampará. (Deut. 31:6).

Esta preciosa mensagem foi um grande encorajamento para minha mãe, para defrontar as armadilhas de Satanás. Pediu ao Senhor que lhe desse a coragem necessária para se manter firme na sua decisão.

A minha mãe partiu para a tal cidade para receber o baptismo e quando regressou, não encontrou o

meu irmão morto, mas muito melhor e sorridente. Reconheceu que havia andado sempre na companhia do Salvador e dos santos anjos e que tudo quanto meu pai dissera, era falso.

A constância da minha mãe para ser baptizada foi uma grande derrota para Satanás.

Quando o meu irmão se curou definitivamente, também ele compreendeu que tinha sido objecto de uma protecção especial de Deus, que o tinha livrado do perigo e que escapara à morte, pela graça de Deus. Esta experiência mudou a vida do meu irmão, pois passado pouco tempo, também ele se baptizou, seguindo o exemplo da nossa mãe.

Por isso, prezados Irmãos, não tenhamos dúvidas de que as desgraças e contratempos que nos podem sobrevir acabam por se transformar em tantos outros meios de que Deus se serve para o nosso bem e para a glória de Deus».

## A Arqueologia confirma a História Bíblica

(Continuação da pág. 4)

deus, pátria dos antepassados de Abraão. Woolley trabalhou em Ur, de 1922 a 1934, e descobriu um excelente quadro da vida e das actividades naquele berço da civilização de quatro mil anos atrás.

A média das moradas da classe média do povo era uma construção de dois andares medindo uns doze por dezasseis metros. As paredes de baixo eram geralmente de tijolo queimado ao forno, e o superior era de tijolo seco ao sol. No primeiro andar estava a cozinha, quarto de hóspedes, casa de banho, e de ordinário, uma pequena capela ou nicho. Os cinco aposentos do segundo andar eram para a família.

No edifício de uma escola que foi escavada encontraram-se os comêdiões que eram tabuinhas de argila. Nos dias de Abraão, os discípulos aprendiam a «ler, escrever e contar» incluindo a tabuada de

multiplicação, assim como as raízes quadradas e cúbicas.

Na antiga Caldeia, numerosos instrumentos de música contribuam para a alegria de viver. Num edifício no centro cívico, foram encontrados muitos recibos e impostos, indicando que os habitantes iam àquele edifício para pagar os seus impostos anuais. A astronomia tornou-se uma ciência exacta, e forneceu base para um calendário e um sistema de cronologia.

Segundo os registos de argila, um homem chamado Abraão alugou uma propriedade rural, perto de Ur e negociava com outros artigos de comércio. Aquele homem pode muito bem ter sido o patriarca Abraão, mencionado na Bíblia. Mas sabemos que foi naquele centro de cultura antiga que Abraão respondeu ao chamado de Deus, para se tornar um missionário entre as tribos errantes da Palestina, e o ascendente do povo escolhido de Israel.

## INCENTIVO AOS DESANIMADOS

(Continuação da pág. 8)

III, pág. 308 e em *Serviço Cristão*, pág. 103.

«Os Anjos celestiais têm esperado longamente que os agentes humanos — os membros da Igreja — com eles cooperem na grande Obra a ser feita. Eles estão esperando por ti. Tão vasto é o campo, tão compreensivo o desígnio, que todo o coração santificado será levado para o serviço, como instrumento do poder divino.»

«Os seguidores de Cristo devem trabalhar como Ele. Devemos alimentar o faminto, vestir o nú, consolar os que sofrem e aflitos. Devemos ajudar os que estão em desespero, inspirando-lhes esperança. E para nós se cumprirá a promessa que diz: «A tua justiça irá diante de ti e a glória do Senhor à tua retaguarda.»

Queridos Irmãos, Cristo e os Anjos esperam por nós. Não Os façamos esperar por mais tempo. Vamos e sejamos um incentivo forte e fiel para o desanimado.

Maria Augusta Pires

BENVINDOS SEJAIS!

# A NOVA

# IGREJA



O Director da União no culto solene da inauguração da igreja de Viseu

AINDA não se desvaneceram os ecos dos cânticos, das orações e dos bons propósitos que se ouviram na nova igreja de Viseu. Ainda nos parece um sonho — sonho longamente acalentado, mas que, pela Graça de Deus que bem claramente tocou os corações dos nossos prezados Irmãos Sampaio Nunes se converteu em alegre e esperançosa realidade.

E, assim como «Acordado, pois, Jacob do seu sono, disse: Na ver-

dade, o Senhor está neste lugar», também nós, hoje, podemos exclaimar: «Na verdade o Senhor está neste lugar», com todo o entusiasmo com os nossos Irmãos e Irmãs da *antiqua et nobilíssima* cidade de Viseu, no dizer conspícuo dos cronistas.

Não nos interessa, aqui, recordar, a vetusta cidade, de que já se faz menção, nas actas do concílio de Lugo, no século VI; não nos interessa, ainda, recordar os seus incontáveis valores artísticos, labores de pedra, primores de marcenaria, delicadezas de imagi-nária, todo um tesouro de arte e beleza, suficiente



Durante o culto solene da inauguração da nova igreja

Algumas almas que se baptizaram, no dia da inauguração da Igreja



para ocupar um lugar de destaque no mundo da estética.

Interessa-nos sim que a «antiga e nobilíssima» cidade de Viseu abra os seus belos e luminosos olhos para a luz bendita da mensagem que ali está sendo pregada.

Era justo que a velha sede do famoso Viriato também fosse convidada a despertar para ouvir as boas novas da salvação.

Apenas, esporadicamente nos era possível anunciar, em Viseu, a Mensagem do Advento. Mas a semente que uma vez fora lançada à terra, germinou e produziu fruto, sendo-nos facultada a possibilidade de se anunciar o Evangelho do Reino aos viseenses. Pouco a pouco foi aumentando o número de ouvintes, de in-

# DE VISEU

teressados, até que, pela Graça de Deus, se constituiu a primeira igreja adventista viseense, com o seu zeloso grupo de Irmãos.

É nosso dever lembrar todos aqueles que directa ou indirectamente deram o seu valioso contributo a esta prometedora obra e que foram os Pastores Américo Rodrigues, José Abella, colportor A. Echevarria e o seu actual Pastor, Irmão



*Consagração ao Diaconato do Irmão Sampaio Nunes*



*Grupo dos membros da nova Igreja viseense*

Eugénio Rodriguez, que terá o privilégio de ser o continuador deste esperançoso trabalho.

Não vamos repetir, aqui, a reportagem que já foi publicada, no mês passado acerca da inauguração da Igreja Adventista Viseense.

O nosso objectivo ao traçarmos estas linhas, é o de proporcionar a todos os nossos Irmãos e Irmãs da nossa União, o ensejo de se regozijarem, no Senhor, pela abertura de uma nova igreja adventista, ao mesmo tempo que publicamos as fotografias que então se tiraram com o agrado dos nossos irmãos viseenses.

Reiteramos aos nossos dilectos Irmãos a nossa gratidão com os votos

de que o nosso Bendito Pai lhes conceda as Suas mais escolhidas e preciosas bênçãos. Que o nosso Irmão Sampaio Nunes no desempenho do seu cargo de diácono da igreja viseense dessa igreja que Deus abriu, servindo-se dele e de sua Esposa — sinta, sempre, o veemente desejo de apregoar a Mensagem da Salvação, para que, em breve, nos possamos todos congregar, na Pátria celestial, na companhia do nosso Bendito Salvador, formando todos o Reino dos Salvos.

*Confraternizando e organizando a Igreja*



# A Obra Expiatória de Jesus

## CONCLUSÃO

### O serviço do altar em breve terminará

Depressa, muito depressa, o fogo que está em cima do altar se apagará para sempre. O último pecador arrependido será salvo.

«E o anjo tomou o incensário e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes e trovões, e relâmpagos e terremotos.» (Apocalipse 8:5) Ouvir-se-á, então o irrevogável decreto: «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.» (Apocalipse 22:11).

«Assim como no culto mosaico o ano terminava por um acto de propiciação, assim também o ministério do Salvador para a redenção dos homens não acabará sem uma obra de expiação, tendo por finalidade eliminar os pecados do santuário celeste. Tal é a obra que começou no fim dos 2 300 dias.» (O Conflito, p. 463).

Só os que tiverem confessado os seus pecados e se tiverem arrependido, obterão a transferência destes pecados no santuário celeste. Os seus casos terão sido examinados e apagados para sempre. Quanto aos maus, já terão tomado a sua decisão. Terão sido julgados indignos do sacrifício de Jesus. O seu juízo será uma obra diferente, no qual os justos hão-de desempenhar o seu papel.

«Não sabeis vós que os santos hão-de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? (I Coríntios 6:2).

O carácter de Deus será plenamente justificado pela sorte reservada aos maus. Ninguém duvidará da justiça de Deus na destruição dos que recusaram tomar parte na expiação de Jesus.

O bode emissário do dia das expiações representava o poder demoníaco, Azazel. Sendo o diabo a origem do pecado e o seu instigador, é justo que sejam destruídos, raiz e ramos, e que o pecado desapareça para sempre do Universo. Esta destruição total de todos os pecados e de todos os pecadores operar-se-á no grande lago de fogo. (Apoc. 20:9-15).

### A expiação acabada

O apóstolo João, na sua ilha solitária de Patmos, depois de ter visto as cenas terríveis da luta travada entre o bem e o mal, contemplou as belezas da terra renovada. Assim a descreve nestes termos:

«E vi um novo céu e uma nova terra, porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram e o mar já não existe.» «E ali não haverá mais maldição contra alguém.» «E não entrará nela coisa alguma que contamine e que cometa abominação e mentira, mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.» (Apocalipse: 21:1; 22:3; 21:27).

A grande tragédia terminou. Já não há nem pecado nem pecadores: o Universo está purificado. Na imensa criação todos os corações sentem a mesma alegria. Ondas de vida, de luz e de alegria jorram do trono do Criador, e invadem os últimos recantos do espaço infinito. Do mais imperceptível átomo aos mais vastos mundos, tanto dos seres animados como dos objectos inanimados eleva-se, pela via da sua beleza incomparável e da sua alegria sem mistura, um cântico de alegria proclamando que Deus é amor.» (Conflito, p. 725).

«Ó redenção maravilhosa, esperada durante tanto tempo, contemplada com impaciência, mas jamais perfeitamente compreendida!» (Id. p. 689).

Naquele belo país, em que já não há pecado, continuaremos a debruçarmo-nos sobre o sacrifício expiatório de Jesus. Novas luzes deste maravilhoso plano ser-nos-ão continuamente reveladas, e nos coros das falanges imortais louvar-se-á e adorar-se-á Aquele que, pela sua humilhação e pela sua morte, pôs em evidência a vida e a imortalidade pelo seu Evangelho de amor.

## A Torre de Babel do Século XX

(Continuação da pág. 9)

S. Paulo em I Tess. 4:13-18, descreve a restauração da «Ovelha Perdida» (todos os remidos) na comunhão das suas irmãs que não se desgarraram — *a encontrar o Senhor nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor.*

Foi uma apenas a desgarrada, pelo que nos leva a crer que o homem pecador, carregado do vírus da maldade, jamais terá acesso a outro mundo ou pelo menos comunicação com outros seres que não pecaram, a não ser depois que *aquilo que é mortal se revista da immortalidade e aquilo que é corruptível se revista da incorruptibilidade.* I Cor. 15:54-57.

A Babel que o Século XX está construindo ou pretendendo construir, será certamente confundida como o foi a dos antigos, porque os intuitos da colonização de outros mundos não visa melhores objectivos.

Prezado leitor, não desejarás aproveitar este tempo de graça em que o Senhor ainda continua a suportar tanta maldade, esperando somente que alguns se arrependam e cheguem ao conhecimento da verdade, para restaurar a ovelha perdida na comunhão dos Santos?

Francisco Cordas

# Jesus está pensando na Sua Próxima Vinda

(Continuação da pág. 1)

*disse que as condições actuais do Mundo seriam como as do tempo de Noé.*

*Está, agora, a contemplar a imoralidade que vai campeando desenfreadamente, por toda a parte, assim como a irreligiosidade, tudo isto sinais dos últimos tempos, dos tempos da sua gloriosa Vinda.*

*Por isso, hoje, agora mesmo, o supremo pensamento do nosso Divino Salvador se dirige para aquele grande dia, o dia previsto pelos profetas, o dia do grande ajuste de contas, o dia em que o Supremo Juiz voltará, revestido e circundado de glória para restabelecer o seu Reino que se estenderá por toda a eternidade.*

*E não havemos nós, prezados Irmãos e Irmãs, de consagrar a nossa vida, os nossos melhores esforços, a colaborar com o nosso Salvador para apressar a Sua gloriosa Vinda?*

*Não há dúvidas de que o pensamento dominante de Jesus, aquele que ocupa o centro de todos os seus pensamentos é o da Sua Segunda Vinda, conforme prometeu, solenemente, empenhando a sua palavra honrada e divina.*

*Esforcemo-nos, pois, por abreviar a Volta triunfante do nosso Divino Salvador, esforçando-nos na medida da nossa capacidade e daquilo que Deus requiere de nós.*